

Anarquia Pós-esquerdismo

Trecho do livro de Bob Black

Em um aspecto Murray Bookchin está certo da única maneira a qual ele provavelmente ainda é capaz de ser, ou seja, pelas razões erradas. Os anarquistas estão em um momento decisivo. Pela primeira vez na história, eles são a única corrente revolucionária. Para ser mais exato, nem todos os anarquistas são revolucionários, mas já não é possível ser um revolucionário sem ser um anarquista, se não de fato, ao menos nominalmente.

Ao longo de sua existência como uma corrente consciente, o anarquismo geralmente tem sido sombreado e ofuscado pelo esquerdismo em geral, o do marxismo em particular. Especialmente depois da formação da União Soviética, o anarquismo tem efetivamente (e, portanto, ineficazmente) se definido em referência ao marxismo. A redução dos anarquistas a satélites dos comunistas, especialmente em situações revolucionárias, é uma característica tão comum de sua história moderna que não pode ser acidental. Fixados em seu grande rival, os anarquistas têm competido com os marxistas por meio de termos esquerdistas e por isso os anarquistas têm sempre perdido.

O marxismo já estava ideologicamente falido ao tempo em que o comunismo europeu entrou em colapso. Como ideologia, o marxismo é agora apenas um fenômeno de campus – e, principalmente, de faculdade – e, até mesmo assim, a sua persistência é geralmente parasitária dentro do feminismo e dos nacionalismos raciais. Como um sistema de Estado, o que resta do marxismo é meramente despotismo oriental, impensável como um modelo para o Ocidente. De repente, 70 anos de desculpas anarquistas tornaram-se irrelevantes.

Embora esses processos tenham pegado os anarquistas, bem como a todo o mundo, de surpresa, eles não estavam tão despreparados como há vinte anos antes. Muitos deles tinham, se não por intenção, pelo acaso e por negligência, se desviado de sua posição tradicional de "a 'esquerda' de 'todos os socialismos'" – e ainda não movendo-se para a direita. Como muitos outros norte-americanos, eles eram incapazes de discernir qualquer diferença entre esquerda e direita que fosse importante o suficiente para se sentir compelido a se declarar como membro de um ou do outro. Assim que o verniz – ou a mancha – da esquerda que eles normalmente adquiriam na faculdade caiu, um anti-autoritarismo indígena veio à tona completamente. Os marxistas que eles encontraram no campus universitário eram demasiadamente ridículos para serem levados a sério como rivais ou pontos de referência. (O fato de alguns deles serem professores fez disso algo muito mais ridículo) Mais do que nunca, alguns anarquistas insistiram em uma política "personalista" com base na experiência da vida cotidiana e correspondentemente abriram-se para teóricos como os situacionistas, para os quais a crítica da vida cotidiana era um princípio primordial. Eles começaram a revirar as lixeiras em meio aos descartes de doutrinas e culturas para confeccionar, como em uma colagem, figuras-mundos que pudessem recombinar seu próprio mundo. E se a definição de Nietzsche estiver certa – que o homem é o animal que ri – então eles recuperaram um pouco de sua humanidade também.

Eu admito, esta imagem só é tão rosada porque não é vermelha o suficiente. Uma fração de anarquistas norte-americanos, em sua maioria sindicalistas, permanecem completamente esquerdistas. Como tal, eles compartilham o declínio do resto da esquerda. Eles já não incluem qualquer pensador de primeira ou até segunda categoria. Outras levas de anarquistas atuam como auxiliares de sub-esquerdistas e em ideologias particularistas como o feminismo e o nacionalismo do Terceiro Mundo (incluindo o indigenismo) – os maiores fragmentos dos destroços da Nova Esquerda. Estes também produziram suas logorréias, mas ninguém tinha nada para dizer. Muitos outros anarquistas conservam vestígios do esquerdismo (nem sempre uma coisa ruim). O que é importante é como muitos deles, sejam quais forem as suas persistentes influências, simplesmente não são mais esquerdistas. A lamentação do reitor** expressa seu choque ao reconhecer este estado de coisas sem precedentes.

A condição prévia para qualquer aumento substancial da influência anarquista é que os anarquistas explicitem e enfatizem sua ruptura com a esquerda. Isso não quer dizer colocar a crítica à esquerda no centro da teoria e ação. Pelo contrário, isso sempre foi um sintoma do estado de satélite do anarquismo. É suficiente identificar o esquerdismo, quando surge a ocasião, como tudo o que ele realmente é, uma variante da ideologia hegemônica – uma oposição ainda leal – que antigamente era eficaz na recuperação de tendências revolucionárias. Não há nenhuma razão para os anarquistas herdarem essa parte maldita da esquerda, sua impopularidade. Vamos estabelecer os nossos próprios inimigos.

E os nossos próprios amigos. Já que há algo realmente anarquista em algumas tendências populares, devemos tentar tornar populares algumas tendências anarquistas. Alguns temas anarquistas antigos e novos ressoam com certas atitudes bem disseminadas. Não é necessariamente elitista ou manipulador fazer circular a proposição de que o anarquismo explicita e desenvolve várias tendências anti-autoritárias incipientes. Isso pode ser feito de forma imperialista e oportunista, mas acredito que também pode ser feito, criteriosamente, de boa fé. Se estivermos errados, sem problemas, nós só não vamos avançar muito bem, algo a que estamos acostumados. Muitas pessoas certamente irão recuar, pelo menos inicialmente, frente à ideia de tomar as conclusões anarquistas que sugerimos como as suas próprias atitudes e valores. Mas ainda assim, alguns outros não irão recuar, nem mesmo inicialmente – especialmente os jovens.

Além disso, fazer conversões não é o único propósito da propaganda anarquista. Ela também pode ampliar a tão constricta gama do discurso político norte-americano. Pode ser que nós nunca consigamos a maior parte da intelligentsia, mas podemos amolecê-los. Podemos reduzir alguns deles a simpatizantes, o que os stalinistas chamaram de companheiros de viagem, ou o que Lenin chamou de idiotas úteis. Alguns irão difamar as nossas ideias, mas também, de alguma forma mutilada, dispersá-las por aí e legitimá-las no sentido em que elas devem ser levadas a sério. E, assim, vão enfraquecer o seu próprio poder para combatê-las se, ou quando, essas ideias forem levadas a sério o suficiente para serem postas em prática por aqueles que as compreendem.

Americanos (e, sem dúvida, outros, mas eu vou ficar com o contexto norte-americano que diz respeito ao Bookchin) realmente são, em certo sentido "anárquicos". Eu não vou fingir, como David De Leon (1978), que há algo de inato e imemorialmente anarquista nos americanos. Nossas crenças e comportamentos têm sido diferentes em aspectos importantes. A maioria dos anarquistas americanos contemporâneos e outros radicais – e eu me incluo aqui – têm sido consciente e visivelmente anti-americanos. Na faculdade, me formei em história, mas eu tive aulas apenas sobre história da Europa, porque os europeus tinham uma herança revolucionária que os americanos (eu assumo) não têm. Muito mais tarde, aprendi que os americanos têm, por vezes, sido muito mais revolucionários (e por isso, para mim, mais interessantes) do que eu originalmente havia suposto. Embora esta descoberta não me transforme em um patriota, como minhas atividades anti-Guerra do Golfo demonstram, fez acender em mim um simpático interesse pela história americana, que eu ainda estou buscando. Anarquia é simultaneamente, em grande medida, uma elaboração de certos valores americanos e, ao mesmo tempo, é antitética a certos outros. Por isso, não faz sentido para os anarquistas americanos serem pró-americanos ou anti-americanos. Eles devem ser eles mesmos – a sua única área indiscutível de especialização – e ver onde isso os leva.

A anarquia pós-esquerdista está posicionada à articular – não um programa – mas uma série de temas revolucionários com ressonância e relevância contemporânea. Ela é, ao contrário do Bookchinismo, inequivocamente anti-política, e muitas pessoas são anti-políticas. Ela é, ao contrário do Bookchinismo, hedonista, e muitas pessoas não conseguem ver por que a vida não pode ser vivida prazerosamente se ela é para ser vivida. Ela é, ao contrário do Bookchinismo, "individualista", no sentido de que, se a liberdade e felicidade do indivíduo – ou seja, cada pessoa realmente existente, cada Tom, Dick e Murray – não é a medida da boa sociedade, o que é então? Muitas pessoas perguntam o que há de errado em querer ser feliz. A anarquia pós-esquerdista, ao contrário do Bookchinismo, se não rejeita necessariamente, pelo menos, suspeita da promessa de libertação cronicamente não cumprida da alta tecnologia. E, talvez o mais importante de tudo, é a

repulsa maciça contra o trabalho, uma instituição contra a qual a crítica tem se tornado cada vez menos importante para Bookchin, ao mesmo tempo em que se torna cada vez mais importante e opressiva para as pessoas fora da academia que realmente têm que trabalhar. A maioria das pessoas preferem fazer menos trabalho do que participar de mais reuniões. O que quer dizer que a maioria das pessoas é mais inteligente e mais saudável do que Murray Bookchin. Anarquistas pós-esquerdistas em sua maioria não consideram seu tempo unidimensional, ou mesmo como uma "decadente era burguesificada" de "reação social" ou como o alvorecer da Era de Aquário. Eles tendem ao pessimismo, mas geralmente não tanto como o reitor faz. O sistema, instável como sempre, nunca deixa de criar condições que o comprometem. Seus ferimentos auto-infligidos esperam o nosso sal. Se você não acredita em progresso, nunca se decepcionará e pode até fazer algum progresso.

Em alguns elementos – como eu vim a apreciar, para minha surpresa, ao escrever este ensaio – temas e práticas anarquistas tradicionais estão mais do que nunca sintonizados com predileções populares. A maioria dos americanos se juntaram aos anarquistas, por exemplo, na abstenção das eleições, e eles devem estar interessados nos motivos dos anarquistas. O conflito de classes no ponto de produção atrai pouco interesse por parte dos civilizados Bookchinistas-Arendtistas em seus campus universitários, mas significa muito para trabalhadores pós-universitários reduzidos, por um longo tempo, à degradação a qual pensaram por um breve momento ter escapado por se formar na universidade. Agora eles precisam trabalhar para pagar os empréstimos que financiaram um intervalo de liberdade relativa (a Zona Autônoma Temporária, por assim dizer), a qual eles nunca poderão desfrutar novamente, não importa o quanto eles ganhem. Eles podem ter aprendido o suficiente ao longo do caminho para questionar se a vida tem que ser desta maneira.

Mas os novos temas do Novo Anarquismo, ou, melhor ainda, dos Novos Anarquismos, também têm apelo popular – não porque eles favorecem as ilusões dominantes, mas porque eles dão esperança (e por que não?) frente às desilusões dominantes. Com a tecnologia, por exemplo. Uma crítica política à tecnologia pode fazer muito sentido já que nunca experimentamos nada do potencial libertador das propostas da alta tecnologia que tantas vezes foi prometido, mas nunca cumprido, pelos progressistas, pelos marxistas, sindicalistas, Bookchinistas e outros tecnocratas. No mínimo, uma libertação “de grão em grão” é algo tão fraudulento quanto um enriquecimento “de grão em grão” através de uma economia pelo lado da oferta (fazer do já rico muito mais rico de forma que algumas migalhas sejam obrigadas a cair pelas beiradas de sua mesa). Trabalhar com programação computacional é, se mais interessante, pouco mais libertador do que trabalhar com inserção de dados, e as jornadas são mais longas. Não há luz no fim do túnel carpal.

Com quaisquer elementos que os Novos Anarquismos sejam compostos e com qualquer coisa que seu destino reserve, o velho anarquismo – a franja libertária da Esquerda Que Já Foi – está terminado. O ponto Bookchinista dessa história foi um capricho conjuntural, um amálgama anômalo do velho anarquismo e da Nova Esquerda ao qual o reitor fortuitamente acrescentou um pouco de ecologia pop e (esta parte passou despercebida por muito tempo) o seu estranho fetiche cidade-estatista. Agora Bookchin tardiamente cambaleia adiante como o defensor da fé, esta antiga religião. O Anarquismo-Enquanto-Bookchinismo foi um episódio confuso que até mesmo ele, seu fabricante, parece estar com pressa para concluir.

Se a palavra "decadência" significa alguma coisa, o Anarquismo Social ou o Anarquismo de Estilo de Vida são exercícios de decadência, para não mencionar um exercício de futilidade. Se a palavra significa alguma coisa, significa uma deterioração de um prévio estágio elevado de realização – isso significa fazer de forma pior o que anteriormente já foi feito melhor. Nesse sentido, os Novos Anarquismos dos "anarquistas de estilo de vida" não podem ser decadentes, o que eles estão fazendo é, na melhor das hipóteses, algo melhor, e na pior das hipóteses, algo diferente do que os anarquistas de esquerda da velha escola fizeram. Bookchin nem sequer está fazendo melhor, para não dizer que nunca fez.

Dentro do anarquismo, o que está ocorrendo se assemelha ao que, na ciência, é conhecido como

uma mudança de paradigma (Kuhn 1970). Um paradigma é um quadro geral de referência, algo mais amplo do que uma teoria (ou ideologia), que direciona o desenvolvimento do pensamento daqueles que pertencem a uma comunidade que opera dentro do paradigma. Seu autor admite que esta é uma formulação um tanto circular (ibid. : 176), mas a verdade é circular, um círculo hermenêutico inescapável mas cujo diâmetro podemos alargar a partir de nossas perspectivas. Os detalhes e, para o assunto, as deficiências do tão discutido modelo de Kuhn sobre a teoria e prática científica não nos cabe aqui (embora eu recomende-os aos anarquistas capazes de pensar mais fortemente do que Bookchin e a maioria dos outros anarco-cabeças-de-ovo). Aqui eu vou chamar a atenção para apenas dois aspectos dessa abordagem histórica para explicar o pensamento teórico que eu considero sugestivo.

A primeira é a noção de "ciência normal", que se refere à prática cotidiana dos cientistas de profissão. A física de Newton, por exemplo, manteve os astrônomos observacionais e físicos experimentais felizes, ou pelo menos ocupados, por mais de 200 anos: ela lhes deu problemas para resolver e critérios para definir soluções para esses problemas.

O anarquismo clássico de Godwin, Proudhon, Bakunin e Kropotkin pode ser especialmente considerado como o paradigma político anarquista normal. Apesar de todas as suas diferenças, juntos eles desenvolveram muitas respostas e um contexto para o desenvolvimento de muitas outras mais. Figuras posteriores como Malatesta, Goldman, Berkman, os anarco-sindicalistas e os intelectuais que escrevem sobre Liberdade de fato aderiram ao "anarquismo normal" – repensando, elaborando, atualizando e trabalhando detalhes se altera o paradigma. Homens como Herbert Read, George Woodcock, Alex Comfort e Paul Goodman trabalharam dentro desta tradição no clima inclemente dos anos 40 e 50. Ao caracterizar sua atividade como derivada não pretendo de nenhuma maneira denegri-la, ou denegri-los. Justamente porque o paradigma clássico foi rico em potencial, os anarquistas inteligentes têm esboçado novos insights a partir dele, aplicando-os às evoluções do século 20. Mas os desenvolvimentos há muito já ultrapassaram o paradigma. Muitas "anomalias", como Kuhn os chama, têm surgido para reconciliar o paradigma, sem aumentar a tensão e um profundo senso de artificialidade. O anarquismo clássico, como o esquerdismo em geral, está obsoleto. Murray Bookchin, o qual alguns anarquistas uma vez confundiram com o primeiro teórico de um novo paradigma anarquista, tornou-se agora de forma explícita o último guerreiro do antigo, a cauda anarquista do que ele chama de a Esquerda Que Já Foi.

Uma outra característica sugestiva do argumento de Kuhn é o seu relato de como, na realidade, a suplantação de um paradigma por outro se dá:

Quando, no desenvolvimento de uma ciência natural, um indivíduo ou grupo primeiramente produz uma síntese capaz de atrair a maioria dos praticantes da próxima geração [grifo nosso], as escolas mais antigas desaparecem gradualmente. Em parte, o seu desaparecimento é causado pela conversão dos seus membros para o novo paradigma. Mas há sempre alguns homens que se agarram a um ou outro dos pontos de vista mais velhos, e eles estão simplesmente por fora da área de profissão, a qual posteriormente ignora o seu trabalho (Kuhn, 1970: 18-19).

Kuhn continua a explicar que isso pode envolver indivíduos intransigentes, mas, no entanto, "mais interessante é a resistência de escolas inteiras em crescente isolamento da ciência profissional. Considere, por exemplo, o caso da astrologia, que já foi parte integrante da astronomia" (ibid. : 19 n. 11).

Não quero dizer que o anarquismo é uma ciência – tal pretensão é em si uma parte do paradigma obsoleto – mas a analogia é esclarecedora. Como Bookchin admite e lamenta, "milhares" de anarquistas, "os praticantes da próxima geração" do anarquismo, estão cada vez mais abandonando o anarquismo social para ir em direção ao anarquismo de estilo de vida. Alguns dos profissionais da escola mais antiga convertem-se, como de fato aconteceu. Outras figuras outrora proeminentes, como Kuhn notou (ibid.), marginalizam-se como o reitor está fazendo no momento. E para arrematar a comparação, o que era uma vez "parte integrante" do anarquismo está à beira de cisão por conta própria, como aconteceu com a astrologia em relação à astronomia, objetivando ter

alguma esperança de sobreviver. Bookchin, a "ecologia social", nunca foi parte integrante do anarquismo, apesar de todos os esforços do reitor para fazer isso. Se persistir por algum tempo após a morte do reitor, a ecologia/anarquismo social terá a mesma relação com o novo anarquismo que a astrologia tem com a astronomia.

O mesmo acontecerá, espero, com os minguentes fundamentalismos anarco-esquerdistas. Destes parece haver apenas três. A primeira é o suposto anarquismo puro-e-simples de, digamos, Fred Woodworth do *The Match!* ou o falecido sem lamentações Bob Shea. A improbabilidade inerente de um anarquismo social e economicamente agnóstico – vamos abolir o Estado e, posteriormente, resolver os detalhes insignificantes, como o nosso modo de vida – assim como o puro crackpotkinismo e seus devotos vestigiais (Black 1994: 42-44) relega este fundamentalismo ao esquecimento iminente. Mesmo Bookchin teria vergonha de ser associado a ele. Um marxista é capaz de muitos erros e muitos horrores, e normalmente comete alguns, mas uma coisa a qual um marxista não pode ser indiferente é à economia política e às relações sociais de produção.

O segundo anarco-esquerdismo obsoleto é o anarco-sindicalismo. Embora seja uma ideologia pró-trabalho, seus poucos adeptos da classe trabalhadora são idosos. Embora seja, por definição, uma ideologia orientada para a associação, não há presença sindicalista perceptível em qualquer associação. É mais provável que o sindicalista seja um professor do que um proletário, é mais provável que seja um cantor popular do que um trabalhador de fábrica. Organizadores por princípio, os sindicalistas são desunidos e faccionados. Notavelmente, este é o mais maçante de todos os anarquismos e atrai alguns dos adeptos mais irracionais e histéricos. Apenas uma pequena minoria dos anarquistas norte-americanos são sindicalistas. O sindicalismo vai persistir, se é que vai, como um culto baseado em campi universitários em crescente isolamento das principais correntes do anarquismo.

O terceiro anarco-esquerdismo é o anarco-feminismo. A categoria é, eu admito, questionável. O chamado feminismo radical é esquerdista na origem, mas de extrema-direita na ideologia (Black 1986: 133-138; Black 1992: 195-197). Separatista por tendência e, por vezes, por princípio, o anarco-feminismo é muito mais orientado para o feminismo estatista do que o anarquismo. Ele já está bem no seu caminho em direção ao encapsulamento e isolamento dos anarquistas. A presença feminina no anarquismo é mais aparente do que real. Muitas mulheres anarquistas se chamam feministas por força do hábito ou porque pensam que não se identificar com ele de alguma forma prejudica as mulheres que o fazem. Mas há pouca coisa, se é que há alguma, distintamente feminista, felizmente, no anarquismo da maioria dos intitulados anarco-feministas. O feminismo é tão obviamente uma ideologia senso comum e tão distante de suas (em grande parte) míticas raízes radicais que sua afirmação por anarquistas se tornará cada vez mais superficial. Bem como o esquerdismo, o feminismo é algo desnecessário para os anarquistas.

Existe vida após a esquerda. E existe anarquia pós anarquismo. Anarquistas pós-esquerda estão se disseminando em muitas direções. Alguns deles podem achar o caminho – melhor ainda, os caminhos – para um futuro livre.

- O uso do termo “reitor” para se referir à Murray Bookchin é devido ao fato deste ter fundado e liderado o Instituto para a Ecologia Social (Institute for Social Ecology) em Plainfield, Vermont – EUA.

Referências:

Kuhn, Thomas S. (1970). *The Structure of Scientific Revolutions*. Second Edition, Enlarged. Chicago, IL: University of Chicago Press.

Black, Bob (1994). *Beneath the Underground*. Portland, OR: Feral House. — (1986). *The Abolition of Work and Other Essays*. Port Townsend, WA: Loompanics Unlimite. — (1992). *Friendly Fire*. Brooklyn, NY: Autonomedia.

